

Revista Latinoamericana de Psicopatologia

Fundamental

ISSN: 1415-4714

psicopatologafundamental@uol.com.br

Associação Universitária de Pesquisa em

Psicopatologia Fundamental

Brasil

Franco da Silva, Thiago José de; Arraes Alencar, Maria Lídia Oliveira de
Invenção e endereçamento na oficina terapêutica em um centro de atenção diária
Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. 12, núm. 3, septiembre, 2009, pp. 524-
538
Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233016514008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

Invenção e endereçamento na oficina terapêutica em um centro de atenção diária*

Thiago José de Franco da Silva
Maria Lídia Oliveira de Arraes Alencar

A partir da observação do funcionamento da oficina terapêutica ‘expressiva’ em um centro de atenção diária, busca-se discutir o valor do trabalho de criação de objetos por pacientes psicóticos e sua possível função de enlaçamento para o sujeito, seja pelo reconhecimento artístico ou não. Visamos analisar nas oficinas terapêuticas seus possíveis modos de funcionamento e o papel do oficineiro. O trabalho singular do psicótico é uma tentativa de se descolar da posição de objeto do Outro, que o caracteriza. Questionamos se a oficina seria um espaço no qual o psicótico poderia lidar com os excessos do gozo, em um fazer criativo com suportes materiais, podendo favorecer um trabalho ao nível da articulação significante. Diferenciando a criação artística, e seu lugar no contexto da cultura, das invenções na psicose, procura-se, à luz da psicanálise lacaniana, tomar a invenção com as sobras a partir da letra como suporte material, visando à estabilização do sujeito.

Palavras-chave: Oficinas terapêuticas, psicose, letra, gozo

* O presente artigo foi extraído do trabalho de conclusão, do primeiro autor, no curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense – UFF em 2008, sob orientação da segunda autora, referente a estágio em uma oficina terapêutica de um centro de atenção diária do Município do Rio de Janeiro.

Introdução

Discutir a pertinência das práticas criativas no tratamento das psicoses, a partir das oficinas terapêuticas, principalmente as chamadas ‘expressivas’ ou ‘criativas’, como dispositivos privilegiados dos novos serviços de atenção psicossocial, implica considerar a referência clínica que dá suporte a esses dispositivos. Se tomamos como referência a clínica das suplências, estabelecida no final do ensino de Lacan, podemos extrair dela o que está de fato em jogo sobre os limites da psicanálise como método de tratamento das psicoses no coletivo das instituições de saúde mental.

A escolha de Lacan (1975-1976) de tomar a escrita de Joyce como paradigma para a clínica, suscitou uma virada conceitual e, consequentemente, um redirecionamento clínico para qualquer das estruturas. Mas a questão de como estender esse paradigma para as práticas criativas em geral torna o problema mais complexo e sujeito a inúmeros equívocos. Até que ponto o *savoir-faire* de Joyce com a letra, a tese de Lacan de uma psicose não desencadeada, e as consequências desse fazer na literatura em geral, podem ser estendidos à discussão sobre as práticas nas oficinas dos serviços de atenção diária com as psicoses desencadeadas? E mais ainda, que estatuto devemos dar à aproximação entre os dois campos – o da criação e o da psicanálise?

O que autoriza Lacan a dizer que está se ocupando de um problema de método clínico, e não de uma conexão entre a psicanálise e a arte, consiste na localização de um método em Joyce de se reinventar ao desmontar a língua inglesa e tornar a inventá-la, numa escritura a partir de ‘palavras impostas’. A questão que toma nosso interesse, aqui, é exatamente a que diz respeito à clínica e não à conexão. É a invenção, como método próprio de estabilização, o que está em foco nesta discussão.

A psicanálise sempre deu o privilégio, entre as suas conexões, ao campo da criação artística. Desde o início, Freud (1910) postulou em duas vertentes o tipo de laço possível para as articulações entre a arte e a psicanálise. Em primeiro lugar afirma que há um sujeito implicado, subsumido, ao ato que produz a obra. Há, portanto, um saber, cujo estatuto é sempre ser inconsciente, em função neste ato, que resta, que jaz como sobra do processo, ultrapassado pela obra em si e pelo estatuto que esta adquire no campo da cultura.

Em segundo lugar, afirma, também, que há gozo nesse ato. Criar é, portanto, pôr no mundo objetos que não existiam até então, que seriam fruto da passagem entre a pulsão e a cultura. Freud (1915) chamou esse processo de sublimação.

Ao retomar essa questão, Lacan (1959-1960) demonstra que, se esse processo consiste na substituição, ao nível simbólico, essa não é uma substituição qualquer, e sim um tipo especial de trabalho, que sustenta, com sua materialidade, um laço, ao nível da linguagem, com o sujeito. Esse laço, funcionando como suporte, não opera ao nível do discurso, mas sim ao nível da linguagem, podendo sustentar, para o sujeito que o criou, um trânsito, um processo subjetivo que tem certos efeitos ao articular gozo e significante. Ir do nada à existência dos objetos criados opera, sobre o sujeito que o viabiliza, efeitos que não são desprezíveis, embora devam ficar em segundo plano, sujeitos ao seu próprio ultrapassamento, a serviço do surgimento da obra. Isso é o que o psicanalista aprende com o artista.

Entretanto, com o exemplo de Joyce, sabemos que o terreno a ser trilhado é outro, que não o da obra e seu lugar na cultura – trata-se de uma suplêncio que, articulando simbólico e real, esvazia de sentido as palavras, erigindo um ego via obra. O trabalho subjetivo, implicado no ato de inventar, de transformar, de se ocupar da materialidade do significante, de seus restos sonoros, lhe permitiu fazer frente ao vazio do Nome-do-Pai, enodando, a um só tempo, letra e lugar. Por esse motivo, para o interesse da psicanálise, não é de arte que se trata, neste caso, mas de ‘artesania’. Joyce, artesão de si mesmo, trabalhou no plano da invenção.

Lacan especifica que em Joyce há suplêncio, diferente das estabilizações no âmbito imaginário, porque sua escrita faz laço social, funcionando como ‘enganchamento’ no Outro, sem passar pelo desencadeamento da psicose.

A pergunta que anima o debate se mantém: o que essa experiência singular nos suscita, além de entusiasmar alguns de nós, ansiosos por abrir caminhos no trato com os pacientes psicóticos no campo da saúde mental?

O sujeito em questão na psicose

Lacan (1955-1956) buscou recolocar a questão do tratamento da psicose a partir da leitura de Freud das Memórias de Schreber. A psicose, diversamente da neurose, opera pela foraclusão do Nome-do-Pai, o que determina a posição do sujeito frente ao Outro e seu fazer com a linguagem, fora da ordem fálica, impossibilitando o sujeito de entrar no campo das significações compartilhadas dos discursos estabelecidos. Estando fora dessa chave significante, que o falo preside, o sujeito tem que providenciar, com os próprios recursos, as soluções para barrar o gozo do Outro, protegendo-se dos excessos que o ameaçam nesse encontro, para o qual é preciso achar uma mediação. O sujeito se encontra em cons-

tante trabalho psíquico, na tentativa de reconstrução desse laço com o Outro, exemplificada na metáfora delirante. Por essa via pode-se pensar a dimensão de invenção na psicose e questionar por quais caminhos cada sujeito singular pode estar à procura de forjar suas próprias soluções para tecer anteparos, cifrar os excessos de um gozo do Outro que se impõe a ele como devastador.

A pergunta retorna e se especifica: até que ponto pode-se dar às atividades criativas, feitas nas oficinas terapêuticas, o estatuto de trabalho do sujeito em busca de uma estabilização? Em que condições uma atividade no coletivo das oficinas terapêuticas passa de simples ocupação para o estatuto de trabalho em termos clínicos?

As oficinas terapêuticas

A partir da reforma psiquiátrica, as oficinas terapêuticas tornaram-se dispositivos obrigatórios para a estruturação dos Centros de Atenção Psicossocial – CAPS e outros serviços em saúde mental. Mas as oficinas terapêuticas são um dentre vários dispositivos coletivos, e não uma forma de tratamento em si. Sendo assim, quais seriam os limites e possibilidades de atuação das oficinas terapêuticas?

Os objetos criados numa oficina terapêutica não são tomados na via de um possível reconhecimento “artístico”. São folhas rasuradas, papéis amassados, “textos feitos para não serem lidos”. Esses produtos não se encaixariam em nenhum “sentido prévio”. Qual seria a proposta desta ou daquela oficina? Por exemplo, numa oficina de escrita, supomos que se escreva, mas em que língua?

Esses produtos não possuem um sentido em si, não visam nada, além de si mesmos, e se há algum “sentido”, este deve ser buscado no “fazer” singular do psicótico. Talvez esses objetos sejam algo que resta desse trabalho, como as lascas de madeira depois de esta ter sido trabalhada. Alvarenga (1999) define trabalho criativo como “algo que pode, ou não, ser reconhecido como arte, que é produzido por um sujeito e que pode ter uma relação com o tratamento deste” (p. 118).

Este trabalho terá uma função variável para cada usuário da oficina, ou seja, dependerá de como o paciente, com o seu “saber-fazer”, irá se relacionar com o material oferecido pela oficina terapêutica.

Guerra (2008) afirma que:

... a grande limitação quanto ao que faz uma oficina operar reside no “acaso” que rege o encontro entre o *savoir-faire* do psicótico com sua contingência singular e histórica e a atividade desenvolvida nas oficinas. Não é possível o oficineiro,

a priori, “planejar” aquilo que poderá promover um encontro entre o real da marca subjetiva com o imaginário social ou estético e a dimensão simbólica da obra produzida em uma superfície outra que não o próprio sujeito. (p. 53-54)

Realmente, não há como prever se alguma atividade poderá ser útil, ou não, para algum paciente. A operacionalidade das oficinas reside, justamente, no acaso, não existindo uma oficina *a priori*. No encontro com os pacientes, quem vai saber o que cada um vai inventar? Isso vale para qualquer encontro com a psicose, e, claro, é o que opera numa oficina também. O que é importante é o acidente, a descoberta accidental, a oportunidade que se abre e a que o sujeito responde, dando, a um material qualquer, um lugar único. Estamos no campo da reinvenção, como os pacientes. E, isso, parece incluir, também, o oficineiro.

Interessa-nos o tema da oferta sem direcionamento, já que isso interroga a disponibilidade do terapeuta de reinventar a sua prática de modo a promover esse encontro. O papel do oficineiro, de estar disponível para o encontro com a psicose, de se adaptar ao estilo do usuário, vai além de não atribuir significações às produções dos psicóticos, e, se acusa o recebimento destas, ele é um tipo modificado de *secretário do alienado*, já que não pode, em hipótese alguma, tomar para si a tarefa de apostar no delírio, no trabalho do delírio, como indicava Lacan nas primeiras elaborações sobre o tratamento das psicoses.

A segunda elaboração de Lacan (1975-1976), que toma o puro gozo da letra como trabalho de amarração em Joyce, nos permite esse deslizamento, isto é, permite que uma nova direção ética fundamente todas as práticas clínicas com os psicóticos, pela aposta na letra como cifra de gozo, na escritura, em que o sujeito, desabonado do inconsciente, se ocupe do trabalho, único e não comparável, de forjar seu enganchamento no Outro, reinventando sua amarração possível. Só podemos testemunhá-lo.

Ferreira e Trópia, no texto “O escriturário das suplências” (2000), comentam essa disponibilidade por parte do terapeuta e afirmam que:

Utilizando-se dos elementos que o psicótico traz, o analista deve escutar qual a saída que cada sujeito aponta como sendo aquela que lhe é possível. Há aqueles que podem fazer uma suplência pela escrita, pela arte, pela identificação (...) o que está em jogo na psicose é “o que pode o sujeito”. (p. 148)

Essa adequação ao estilo do paciente, reflete a virada que o pensamento de Lacan causou na direção do tratamento na psicose, que, abrindo mão de tomar a neurose como referência, recolocou a clínica psicanalítica diante da pluralidade dos Nomes-do-Pai, reduzindo a metáfora paterna a um caso particular de sintoma, uma das muitas formas de o sujeito cifrar o gozo. A partir disso, outras formas passam a ser consideradas, deslocando a neurose do lugar de paradigma

para pensar o sujeito. Lacan (1974-1975) afirma, em RSI, que o sintoma é “a maneira em que cada um goza do inconsciente, enquanto o inconsciente o determina”, e que sua função não é metafórica, mas sim fruto da função da letra em fixar o gozo sem Outro. A partir disso, a foraclusão toma o lugar de paradigma.

Se não se pode saber nada, de antemão, sobre que caminho deve seguir esse trabalho de elaboração de um reenganchamento no Outro, qualquer prática terapêutica com os psicóticos deve observar, unicamente, que se está a serviço de viabilizar que o sujeito trate simbolicamente o real, a seu jeito. Ao inventar, ele está tratando gozo e significante a um só tempo.

Guerra et al. (2006) afirmam que:

Concebê-los como capazes de construir respostas implica deslocá-los de uma posição de deficitários, infantilizados, incapazes, para a de sujeitos responsáveis pelas produções que realizam, sejam elas delírios, atos, obras ou outras. Assim, qualquer processo reabilitador só se reveste de interesse na medida em que respeita o estilo do sujeito para o qual se aplica, acompanhando seus movimentos subjetivos e suas possíveis formas de enlaçamento social. (p. 31)

Para a autora, a solução está ali onde se supõe que haja problema. O trabalho terapêutico consiste em deixar o paciente à vontade (ao acaso) para talhar as insígnias do gozo em cada objeto que inventa.

Guerra (2008) também apresenta o quanto de responsabilidade o oficineiro tem para com o que é produzido nas oficinas, e que este não deve se apoiar em nenhuma ideologia para definir (ou significar) os objetos ali criados, pois “pode-se pensar no risco de exigência estética ou de produtividade numa oficina vir a se tornar um novo imperativo, legislando sobre os arranjos que o participante deveria firmar através da atividade e do produto com a cultura” (p. 56).

O que tornaria terapêutica uma oficina?

A tese de Guerra (2008) é que as oficinas terapêuticas podem funcionar como “letra”, pois permitiriam “a construção de uma outra superfície para a localização desse gozo – seja o objeto ou o próprio oficineiro, ou mesmo o espaço da oficina” (p. 53). Esse tripé – objeto, oficineiro, espaço – suportaria o sujeito no trabalho de se reinventar ao inventar seus objetos.

Tudo o que for produzido pelo paciente psicótico poderá estar relacionado com o seu trabalho psíquico, e isto é mais importante do que a aceitação social de sua produção, no sentido estético. Geralmente, a função de estabilização não passa pelo reconhecimento público, que pode até mesmo ser devastador. Se, para Joyce, o reconhecimento foi imprescindível, para muitos sujeitos esse lugar público pode ser desestabilizador. O fundamental é que essa produção possa fixar um lugar para seu inventor.

Concordamos com a tese de Guerra de que o sujeito pode localizar, na materialidade dos suportes que toma para o trabalho, uma superfície sobre a qual opera um tipo de labor (trabalho) que tem sua contrapartida na elaboração psíquica. Ainda é obscuro o modo como isso se dá, e, desde Freud (1905 ou 1906), já estava dito que há um passo desconhecido entre o ato de criar e o efeito disso sobre os sujeitos. O fato é que há uma mediação nesse ato, pois ele parece contribuir para a destinação dos excessos, o que, por si só é apaziguador, embora não necessariamente estabilizador.

– Inúmeros trabalhos feitos por psicóticos, em oficinas terapêuticas ou não, indicam que o sujeito está, muitas vezes, tentando forjar um liame, uma ligação entre simbólico e real, inventando soluções para ‘amarrar o corpo’, por exemplo, ou nomear experiências paradoxais, escrever, registrar certas ‘ligações’ que atem os registros, que estão desamarrados. A questão é que nosso paradigma é Joyce, que nunca desencadeou, então, temos de pensar o caminho de trás para a frente. O sujeito desencadeado teria, em princípio, o trabalho de reachar um enganche no Outro, de, estando desamarrado, forjar todo um caminho de resgate, para além da tentativa delirante.

Como afirma Mandil (1997), “é justamente por situar-se como litoral entre o simbólico e o real – plano onde se situa a falha no Outro, o furo no saber – que Lacan atribui à letra, e por consequência ao escrito, a capacidade de suplência” (p. 111).

Se trata-se de fazer litoral com o literal, que passagem, no nível de *lalangue*, poderíamos localizar nas invenções de artefatos, nas imagens visuais, na música etc., em todas as formas ditas criativas em geral?

Ao tratar das produções dos sujeitos psicóticos nas atividades criativas em oficinas terapêuticas, Alvarenga (1999), afirma que:

Arriscaríamo-nos a dizer que o trabalho criativo, em si, pode ter efeitos apaziguadores para um sujeito, à medida que tem um efeito de condensação, depósito e separação de um gozo, de outra forma, mortífero. Mas esse efeito apaziguador só se dá porque o texto, ou o objeto produzido, têm um endereço, ou seja: a atividade criativa acontece sobre um fundo de linguagem, onde a fala está potencialmente presente. Mesmo que o sujeito nada tenha a dizer sobre o objeto produzido, o fato de que ele é endereçado a alguém coloca-o em pauta numa relação onde o que é criado pode ser lido. (p. 120)

Segundo a autora, o destinatário dessa produção *recebeativamente* o produto, fazendo falar o sujeito.

Um estudante de química¹

Selton frequenta todos os dias a oficina terapêutica “expressiva”. Ele costuma ser o primeiro a chegar e o último a sair. Quando encontra fechada a sala onde funciona a oficina, se põe a esperar até que alguém a abra. Tendo sido aberta a sala, ele se senta quase sempre na mesma cadeira, abre a sua pasta – que normalmente estava abarrotada de livros – e se põe a estudar. Selton se concentra em seus livros de química, não prestando muita atenção ao que acontece ao seu redor, olhando, mas não interagindo muito com os outros. De vez em quando faz um desenho. Esta sala é, para ele, um local de estudos, não importando muito se os outros fazem barulho ou não. O que importa é que a sala esteja aberta para que ele possa estudar.

O meu primeiro contato como oficineiro com Selton foi acidental, por meio de uma piada que contei para outro usuário. Ao término da piada todos se puseram a rir e foi o momento em que pôde haver uma aproximação com ele. Fiz mais alguns comentários cômicos sobre o assunto, mas não ficamos muito tempo conversando, pois ele me lembrou que tinha de estudar e que eu o estava atrasando. Assim consegui falar com Selton pela primeira vez.

Com o passar do tempo, aumentava a frequência com que Selton me chamava, mas, a cada vez, atribuía-me um nome diferente, mesmo tendo eu me apresentado várias vezes. E essa confusão não era simplesmente um esquecimento de meu nome, mas sim um movimento dele de me colocar em situações diferentes: uma vez ‘fui’ um antigo colega de classe, outra vez ‘um traficante de antigamente’. Ficamos convivendo com isso durante alguns meses.

Aos poucos, Selton começa a me fazer perguntas sobre química, física ou matemática, mas a resposta que ele ouve de mim é: “Não sei, Selton”, e então ele se põe a me explicar o que ele “não sabia que sabia”, apontando nos livros o que lhe provocou cada dúvida. Deste modo, tento indicar a Selton que aquilo que ele me diz é recebido, mas a resposta não está comigo, tentando me “esquivar” da posição de “mestre”, buscando, em vez disso, passar para a posição de quem também quer saber, pelo que fui chamado algumas vezes por ele de “colega de classe”.

Sobre a questão do lugar do oficineiro, desta possibilidade de o oficineiro se situar numa posição de ideal para o psicótico, Greco (2008) afirma que:

Não se trata, evidentemente, de renegar a posição de ideal em que se possa ser eventualmente colocado, até porque isso não depende exclusivamente do

1. Este relato ilustra a experiência de estágio de um dos autores em uma oficina terapêutica em um centro de atenção diária do município do Rio de Janeiro e motivou seu tema de trabalho de conclusão de curso no Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense –UFF.

oficineiro, mas, antes, de se acautelar para não avalizar essa crença. A questão é, portanto, de estratégia: a cada vez deve-se operar um recuo que evite, ao mesmo tempo, a encarnação do perseguidor e o desabamento da crença. (p. 89)

Para tentar diminuir a possibilidade de ficar no lugar de perseguidor, busca-se evitar os temas delirantes como assunto principal, porém não totalmente. Seguimos, desse modo, a mesma recomendação feita aos analistas na clínica com a psicose: aposta-se em incentivar os temas corriqueiros, em trivializar.

Segundo Ferreira (2000):

Trivializar é trazer para o atendimento a dimensão do cotidiano: relação familiar, relações sociais, atividades, interesses, projetos, enfim, aspectos do dia a dia. Sem a intenção de se produzir, aí, uma elaboração, mas antes um “semblante de diálogo”. A trivialização deve ser pensada atrelada à noção de “vínculo frouxo”, noção esta que propõe ao analista uma maneira de operar com o tempo, com a frequência dos atendimentos. (p. 147)

A dificuldade de avaliar o papel do destinatário nesse trabalho, visando à estabilização, consiste em que as duas referências da psicanálise sobre o trabalho do psicótico são Schreber e Joyce, que não tiveram em sua companhia nenhum secretário. Sua confecção foi realizada na mais absoluta solidão. A experiência da psicose por não ser compartilhada, como sabemos, nos apresenta uma extrema dificuldade de extrair um princípio ético que presida esse trabalho de acolhimento, essa presença sutil que deve ser autorizada pelo paciente como testemunha de seu trabalho.

Era muito raro Selton mudar de assunto, porém às vezes ele contava “como foi seu final de semana”, o que gostaria de comprar e para que. Esses momentos, nos quais ele parava de “estudar” para falar de outras coisas, eram chamados por ele de “intervalo”, “recreio”, um momento de descanso entre os momentos de estudo. Nestes intervalos, Selton interagia também com os outros usuários da oficina.

Houve um momento no qual Selton indicou que gostaria de ir ao planetário, mas isso não se concretizou, pois cada vez que chegava o dia marcado para essa ida, ele desmarcava com alguma desculpa, como por exemplo, uma consulta ao dentista: “Não vou poder ir nesse dia porque tenho dentista”.

Após minha ausência por alguns dias, Selton me chama pelo nome, pela primeira vez, e bem-humorado, diz: “Sumido, hein?”

Sobre os estudos de Selton

O motivo de seu estudo é nas palavras de Selton: “tenho que saber tudo pra prova no fim do ano”, porém, esse “ano” não acaba. Selton possui várias agen-

das que utiliza como caderno para suas anotações. O que aconteceria se esse “ano” chegasse ao fim?

A prova, para a qual ele vive estudando, parece ser mantida num tempo ideal, num futuro suposto que ele mesmo estabelece, parecendo inventar um recurso em perspectiva em que projeta sua meta. Esse “final do ano” que nunca chega é, tudo indica, o que o mantém estabilizado. Alguns pacientes apresentam uma aspiração, algo que pretendem alcançar, mas que não está ali para ser realizado necessariamente.

Outra questão fundamental no laço com Selton, era não investir ‘por ele’ na sua prática de escrever. A valorização, por parte do terapeuta, de algo que o paciente realiza como um trabalho, dando-lhe uma importância especial, seja qual for a produção subjetiva em questão, pode interromper, ou até abolir, o surgimento de uma via de invenção do sujeito com alguma chance de proteção contra o Outro. Seu valor de *bricolagem* indica, justamente, que não se deve interferir, mas sim acompanhar, apenas acolher os produtos desse fazer, pois o paciente sabe, em geral, a que serviço está tecendo tal proteção, e ao oficineiro cabe aprender com ele sobre a função desse trabalho. Sobretudo, é preciso abrir mão do entusiasmo que pode envolver as criações escritas, pois qualquer expectativa a esse respeito à sua volta, qualquer acento a mais sobre a tarefa, pode ser desastroso para o trabalho clínico. Greco afirma (2008) que:

Sabemos que o laço social forjado sobre um ideal (“ser escritor”, por exemplo) tem sua eficácia. O problema de sustentar um trabalho sob essa premissa é que, enquanto o sujeito não alcança, segue estável sua vida, mas, ao atingir o ideal, pode desfazer-se a tensão que o Imaginário propiciava para a sustentação da existência, e ele pode começar a delirar exatamente devido ao êxito. (p. 90)

Ao contrário de outros usuários, Selton não usava o material disponível da oficina (lápis, canetas, papéis). Trazia consigo todo o seu material de “estudo”, e, mesmo possuindo uma pasta na qual poderia arquivar seus “trabalhos”, Selton guardava suas agendas/cadernos em sua maleta, carregando-as para onde fosse.

Os seus estudos, além de visarem uma prova futura, também serviam para explicar o funcionamento do mundo ao redor, e do seu corpo. Certa vez, ele explicou como é o funcionamento do corpo: “o corpo tem tanto órgãos internos como externos. Os órgãos internos são o coração, os sistemas circulatórios e elétricos. Já os órgãos externos são os órgãos públicos e a Serra dos Órgãos”. Cada parte do corpo, para ele, tem uma palavra ligada a ela, que é coordenada pelo cérebro. O coração tem, ligadas a ele, as palavras: sentimentos, alegria, amor.

Ele utiliza os significantes como partes desmontáveis: pega uma palavra e a desmonta; depois, retirando ou acrescentando letras, ele forma outra palavra, mudando tanto o significante como o significado. Às vezes, o que muda é ape-

nas o significado. Por exemplo, o significante *rádio* é apresentado como elemento químico, como parte do corpo e, também, como aparelho de som. Para Selton, os significantes realmente são coisas que podem ser manipuladas, como os elementos químicos da tabela periódica. Por exemplo, os *olhos*, são para Selton iguais ao *oxigênio*: O₂ ou O+O.

Selton utiliza os significantes fornecidos em seus livros escolares de forma material, ou seja, trabalha com a materialidade do significante, ao nível da letra, inventando palavras que possam explicar o que ele não entende, aquilo para o qual não encontra respostas.

Seu procedimento indica que está tentando transpor as fórmulas ‘científicas’ para acontecimentos ligados ao corpo, procurando ‘fórmulas’ para ligar seu corpo ao mundo. Ele tem formação em matemática e não se interessa por arte. Faz um desenho ou outro e, quando o faz, representa algum de seus “inventos”, como, por exemplo, um rádio que passa imagens, um computador que funciona a rádio, uma nave espacial.

Por meio de fórmulas químicas, desenhos de engenhocas ou reinvenção de palavras, Selton parece querer reinventar um mundo que está se perdendo. Precisa restabelecer as leis do funcionamento de seu corpo, inseri-lo em algum laço ‘científico’ com o que o rodeia, fazer contato ‘científico’ com o *planeta*, mas ainda não pode ir ao *planetário*, não está pronto. Talvez essa seja a ‘prova’, de um ‘final de ano’ que não está no calendário.

Nos seus estudos, ele copia partes de livros do segundo grau ou, como determinou, “as partes mais importantes”. Então, ele escreve, mas não faz literatura. Parecem mais marcas do que já foi lido ou do que já se passou, porque, de vez em quando, ele volta para ver alguma anotação. As anotações não seguem um curso linear, tendo as páginas todas rabiscadas. O que foi escrito já foi lido, faz parte do passado.

Parece que seu trabalho de escrita tenta articular uma inserção no simbólico, criar um artifício ‘científico’, com função de ciframento, entre seu corpo e o mundo, entre passado e futuro, entre ele e o Outro. Carrega tudo que é seu numa mala, não confia de entregar seus trabalhos a ninguém, mas mesmo assim, acusa a presença do estagiário-oficineiro mostrando que registrou sua ausência, e o põe a par de seus projetos de futuro e de suas dúvidas sobre as fórmulas químicas.

Podemos afirmar, concluindo, que embora estejamos muito longe de formular de que modo as práticas criativas podem, de fato, servir ao trabalho de estabilização na psicose na experiência de uma oficina terapêutica, há um aspecto apaziguador para alguns. E, se isso tem como principal operador o próprio trabalho do sujeito, certamente se deve, também, à presença do oficineiro como destinatário de um endereçamento.

Referências

ALVARENGA; E. O trabalho criativo e seus efeitos na clínica da psicose. *Curinga*, Belo Horizonte, n. 13, p. 118-121, set. 1999.

_____. Estabilizações. *Curinga*, Belo Horizonte, n. 14, abr. 2000.

ALENCAR, M. L. A. *O objeto enigmático na obra de arte: o sujeito entre saber e gozo*. 2004, 139p. Tese (doutorado em Teoria psicanalítica), Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

_____. A escrita de Joyce e a suplêncio na psicose. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 3, 2008, Niterói. Mesa-redonda: A psicose de Freud a Lacan.

BALBI, L. O que a clínica psicanalítica das psicoses nos ensina. In: SÁ, R. et al. (Org.). *Clínica psicanalítica das psicoses*. Niterói: Eduff; 2005. p. 13-19.

BASTOS, A.; FREIRE, A. B. Sobre o conceito de alíngua: elementos para a psicanálise aplicada ao autismo e às psicoses. In: BASTOS, A. (Org.). *Psicanalisar hoje*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006. p. 107-122.

FERREIRA, C. M. R.; TRÓPIA, M. R. A. B. O escriturário das suplências. *Curinga*, Belo Horizonte, n. 14, p. 144-149, abr. 2000.

FREUD, S. (1905 ou 1906). Personagens psicopáticos no palco. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VII.

_____. (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XI.

_____. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoíia (*dementia paranoides*). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XII.

_____. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV.

GRECO, M. G. Oficina: uma questão de lugar? In: COSTA, M. C.; FIGUEIREDO, A. C. (Org.). *Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2008. p. 83-94

GUERRA, A. Oficinas em saúde mental: percurso de uma história, fundamentos de uma prática. In: COSTA, M. C.; FIGUEIREDO, A. C. (Org.). *Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2008. p. 23-58.

- GUERRA, A. et al. A função da obra na estabilização psicótica: análise do caso do Profeta Gentileza. *Interações* [on line], jun. 2006; 21 [citado 11 maio 2008] p. 29-56. Disponível em: <http://www.pepsic.bvsPsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072006000100003&Ing=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11/5/2008.
- LACAN, J. (1955-1956). *O seminário. Livro 3. As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. (1959-1960). *O seminário. Livro 7. A ética na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. (1974-1975). O seminário. Livro 22. R.S.I. (inédito).
- _____. (1975-1976). *O seminário. Livro 23. O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- _____. O seminário sobre “A carta roubada”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 13- 66.
- _____. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. Litoraterra. In. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- MANDIL, R. Para que serve a escrita? In: ALMEIDA, M. I. de (Org.). *Para que serve a escrita?* São Paulo: Educ, 1997. p. 103-117.
- _____. *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Contra Capa/Faculdade de Letras UFMG, 2003.
- MILLER, J-A. A invenção psicótica. *Opção Lacaniana: Revista internacional de psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 36, p. 6-16, maio 2003.
- QUINET, A. *Teoria e clínica da psicose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- VIEIRA, M. A. Sobre o Japão de Lacan. *Latusa*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 113-125, out. 2003.
- WANDERLEY, L. Máquinas de tecer. In: COSTA, M. C.; FIGUEIREDO, A. C. (Org.). *Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania*. Rio de Janeiro: Contra-capa, 2008. p. 149-153.

Resumo

(Invención y direccionamiento en la oficina terapéutica en un centro de atención diaria)

A partir de la observación del funcionamiento del taller terapéutico ‘expresivo’ en un centro de atención diaria, se busca discutir el valor del trabajo de creación de objetos

por pacientes psicóticos e su posible función de enlazamiento para el sujeto sea por lo reconocimiento artístico o no. Se plantea analizar en los talleres terapéuticos sus posibles modos de funcionamiento e el rol del coordinador. El trabajo singular del psicótico es una tentativa de descolarse de la posición de objeto del Otro, que lo caracteriza. Cuestionamos si el taller sería un espacio en lo cual el psicótico pudiera manejar los excesos de goce en un hacer creativo con soportes materiales que puedan favorecer un trabajo a nivel de la articulación significante. Diferenciando creación artística y su lugar en el contexto de la cultura, de las invenciones en la psicosis, se procura, a la luz del psicoanálisis lacaniano, la invención con las sobras a partir de la letra como soporte material, visando a la estabilización del sujeto.

Palabras claves: Talleres terapéuticos, psicosis, letra, goce

(Invention et adressement dans un atelier de thérapie d'un centre de soins de jour)

A partir de l'observation du fonctionnement d'un atelier de thérapie "expressive" d'un service de soins de jour, nous discutons la valeur que le travail de création d'objets peut assumer pour les patients psychotiques, ainsi que les possibilités d'adhésion du sujet par moyen de sa reconnaissance artistique ou non. L'analyse de l'atelier thérapeutique a pour but de cerner ses modes de fonctionnement et de discuter le rôle du coordinateur. Par son travail singulier, le psychotique essaye de se détacher de la position d'objet de l'Autre qui le caractérise. Nous nous demandons si l'atelier pourrait servir comme lieu pour traiter l'excès de jouissance du psychotique à travers le travail de création avec des supports matériels et s'il pourrait d'ailleurs favoriser le travail du sujet au niveau des rapports signifiants. À la lumière de la psychanalyse lacanienne, tout en prenant en compte la différence entre la création artistique (et sa place dans le contexte culturel) et les inventions de la psychose, nous cherchons à prendre l'invention au niveau de la lettre, avec ses excédents, de façon à promouvoir la stabilisation du sujet.

Mots clés: Ateliers thérapeutiques, psychose, lettre, jouissance

(Invention and direction in a therapeutic workshop at a daytime outpatient clinic)

Based on observations of a therapeutic workshop at a daycare center for psychotics, we discuss in this article the value of creative activities where patients deal with new objects and their possible bonding role for subjects through artistic recognition. The activities carried out in such workshops are discussed, as well as the role of their coordinators. The individual production of psychotic patients is an attempt to release them from their position as object of the Other, characteristic of psychosis. Might such workshops consist of spaces where patients become able to handle excess jouissance in a creative way, based on supporting materials that favor their work on the level of the articulation of the signifier? This type of work is different not only from artistic creation, but also from invention in psychosis. The authors base their discussion on Lacanian psychoanalysis

and consider invention with scrap materials based on the letter as material support aimed at the stabilization of the participating subjects.

Key words: Therapeutic workshops, psychosis, letter, jouissance

Citação/Citation: SILVA, T.J.F. da; ALENCAR, M.L.O.A. Invenção e endereçamento na oficina terapêutica em um centro de atenção diária. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 524-538, set. 2009.

Editor do artigo/Editor: Profa. Dra. Ana Cristina Costa de Figueiredo.

Received/Received: 27.07.2009 / **Aceito/Accepted:** 30.7.2009 / 7.30.2009

Copyright: © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

Financiamento/Funding: Os autores declaram não ter sido financiados ou apoiados/The authors have no support or funding to report.

Conflito de interesses: Os autores declaram que não há conflito de interesses/The authors declare that has no conflict of interest.

THIAGO JOSÉ DE FRANCO DA SILVA

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense – UFF (Niterói, RJ, Brasil).

Rua Ribeiro de Almeida, 2/ap.4 – Laranjeiras
22240-060 Rio de Janeiro, RJ, Brasil
e-mail: sthiagofranco@yahoo.com.br

MARIA LÍDIA OLIVEIRA DE ARRAES ALENCAR

Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (Rio de Janeiro, RJ, Brasil); professora Adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense – UFF (Niterói, RJ, Brasil); membro do GT “Dispositivos Clínicos em Saúde Mental” da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia – ANPEPP (Campinas, SP, Brasil); psicanalista – Escola Brasileira de Psicanálise – EBP-Rio (Rio de Janeiro, RJ, Brasil).

Rua Fonte da Saudade, 256/401 – Lagoa
22471-210 Rio de Janeiro, RJ, Brasil
e-mail: lidiaarraes@br.inter.net